

Brasília inchada atropela imaginação de Lúcio Costa

Brasília — Planejar uma cidade destinada a chegar, inalterada, ao ano 2000, era o grande sonho da maioria das 62 equipes de arquitetos e engenheiros que, em 1957, elaboraram projetos para a construção de Brasília. Trinta anos depois, o sonho acabou. Na semana passada, o arquiteto Lúcio Costa, vencedor daquele concurso, admitiu a realidade: o projeto original da cidade caducou bem antes da virada do século. Lúcio Costa, 88 anos, voltou a se debruçar sobre sua planta futurista. Refe-
z as contas diante do milhão e meio de habitantes que a cidade, planejada para ter 700 mil, já tem. O novo plano admite, agora, 2 milhões 500 mil moradores. “É o limite definitivo”, avisa Lúcio Costa.

Precocemente esclerosada, Brasília se pergunta se ainda é concebível admitir o definitivo para uma cidade. Lúcio Costa acha que sim, neste caso específico, pois trata de “uma cidade de vocação administrativa, que não tem e não deve ter a pretensão de tornar-se uma metrópole”. Mas o arquiteto paulista Roberto Cerqueira César, que em 1957 também concorreu com um projeto para Brasília, alimenta suas dúvidas. Na época, apesar de conceber uma cidade como um organismo vivo, Cerqueira César acreditava que era possível prever, com relativa margem de erro, o padrão de crescimento de um núcleo urbano. “Agora percebo que erramos”, confessa.

Premissas

Toda uma geração de arquitetos esteve atenta ao movimento de renovação arquitetônica da primeira metade do século. Em 1957, acreditavam dispor de indicadores suficientes para edificar uma cidade para 50 anos à frente. Era a meta de Juscelino Kubitschek, que de 1940 a 1944 administrou Belo Horizonte, também uma cidade planejada. Inaugurada em 1897 e mais tarde frustrada em seu projeto original, Belo Horizonte foi pensada para 200 mil habitantes e, menos de 50 anos depois, excedia-se perigosamente. Um erro de previsão que tornou menos tranquila a vida do prefeito JK.

Lúcio Costa não se recorda de ter refletido sobre o problema de Belo Horizonte — onde chegou a morar — quando planejou Brasília. “Naquela época, só pensávamos o novo”, diz. Era um novo que “poderia ter-se realizado plenamente”, ele crê, se todas as premissas estivessem corretas.

As premissas, porém, traziam o pecado de uma elaboração ligeira. “Foi a fatalidade de se construir uma cidade em apenas três anos”, reconhece hoje o arquiteto. Os engenheiros da Novacap — empresa encarregada de administrar a obra — imaginavam, por exemplo, que os operários não trariam suas famílias para o planalto. Daí a suposição de que, inaugurada a capital, pelo menos um terço da mão-de-obra retornaria a sua origem. Outro terço seria empregado no setor de serviços e mais outro, supostamente formado por gente oriunda de

zonas rurais, teria sua experiência aproveitada no cultivo das granjas que abasteceriam Brasília.

Lazer na terra

No dia da inauguração da cidade, 21 de abril de 1960, Lúcio Costa percebeu que a primeira premissa falhara. “Ao lado de cada canteiro de obras, formara-se uma favela”, recorda o arquiteto. As famílias dos operários estavam quase todas ali. E as cidades-satélites, que Lúcio Costa concebera para serem erguidas apenas na virada do século — quando o Plano Piloto tivesse esgotado sua capacidade de 700 mil habitantes — nasceram prematuramente, numa solução improvisada pela Novacap.

As outras premissas continuariam falhando. O golpe militar de 1964 impediu a tentativa de Kubitschek de retornar à Presidência em 1965. “Ele queria completar sua obra, principalmente Brasília”, depõe a filha do ex-presidente, Márcia Kubitschek. E o poder militar transformou as áreas agrícolas imaginadas por Lúcio Costa em residências oficiais, as granjas do Torto, do Riacho Fundo e das Águas Claras.

Lúcio Costa admite ainda que o número de automóveis na cidade superou também suas expectativas. A ingenuidade quanto a esse aspecto não é privilégio dele. Atacou indiscriminadamente os técnicos que almejavam vencer o concurso de 1957. Um desses arquitetos, o carioca Maurício Roberto, reconhece que “ninguém poderia conceber o grau de complicações que seria gerado pelo transporte individual”.

Roberto não dá a Lúcio Costa, no entanto, o direito de se prevalecer de alguma “falta de perspectiva” para justificar o envelhecimento precoce da planta de Brasília. “No aspecto da população, em 1957 já era evidente que o projeto não correspondia à meta”, diz. Uma semana depois da inauguração, Maurício Roberto apontava ao *Correio da Manhã* os erros do projeto. “Eu avisei que bastava tomar de uma régua e medir: todos veriam que no projeto de Lúcio Costa não caberia a cidade do ano 2000”, conta o arquiteto, hoje com 65 anos.

Mas Lúcio Costa não se anima a discutir o passado. Ele se acredita vencido pelas adversidades política e sociais pelas quais passou o país. De tão contrariado, só visitou Brasília duas vezes desde a inauguração: em 1974 e em 1984. Na última visita, achou que a capital se consolidara. “A realidade é maior que o sonho”, disse então à filha que o acompanhava, a arquiteta Maria Elisa Costa, 52 anos. Sem sair do Rio, ele mandou agora pela mesma filha o projeto de expansão da cidade para o governo do Distrito Federal. Aposentado, Lúcio Costa não tem conselho a dar às novas gerações de planejadores de cidades. “O futuro é deles”, resume.